

IZABELLA CRISTO



VIDA *nada*
MODERNA

Contos, Crônicas e Divagações de uma Millennial

Vida Nada Moderna

*Contos, Crônicas e Divagações
de uma Millennial*

Izabella Cristo



Vida Nada Moderna

Contos, Crônicas e Divagações de uma Millennial
de **Izabella Cristo**

Editor

Eldes Saullo

Revisão

Cecília Godoy

Roque Aloisio Weschenfelder

Projeto Gráfico e Editorial

Casa do Escritor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cunha, Izabella Cristina Cristo
Vida nada moderna : contos, crônicas e
divagações de uma millennial / Izabella Cristina
Cristo Cunha. -- 1. ed. -- São Paulo :
Ed. da Autora, 2020.

ISBN 978-65-00-08451-1

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras
I. Título.

20-43475

CDD-B869.3
-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3
2. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Copyright © 2020 Izabella Cristo. Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da editora e autora.

Sumário

VIDAS TROCADAS
CIDADE MARAVILHOSA
A BOMBA
CURTA
VAI CHEGAR
SEGURA O ABACAXI
DISTRÓPICOS
O DIA
LIMITES
OS DOIS HOMENS
O PESO DA ÁGUA
REZA
A SACOLA AZUL
QUANDO EU CRESCER
ESTÁGIARIO
DANÇA DA VIDA
AS BORBOLETAS
BUG DO MILÊNIO
COISA DE ESCRITOR
CARTA PARA NINGUÉM

Ao meu parceiro de sempre pelo apoio incondicional.

A Cecília Godoy, grande amiga e revisora fenomenal.

Ao Ninho de escritores, meu espaço seguro, proporcionado
por Tales Gubes.

PREFÁCIO

Antes de mais nada faço parte da geração Y.

Millennials.

A geração da internet. Do *Google*. Dos *smartphones*.

Vi nascer e morrer uma série de “novas tecnologias”.

Vi nascer, morrer e renascerem valores de ética, moral e sociedade.

Antes que me julgue ou pesquise toda minha vida e passado sórdidos por aí, antecipo que me incluo nessa bolha que chamamos de “vida moderna”.

Compartilho dos defeitos, das qualidades, das angústias, dúvidas e aperreios que é viver uma vida entre o coração e a razão.

Este livro nada mais é que um desabafo.

Anos de sarcasmo, amor, anseios e revolta reunidos a uma boa dose de humor.

Tudo assim, junto e misturado, colocados de uma maneira pura e louca, como a vida deve ser.

Faça bom proveito!

VIDAS TROCADAS



Eu tinha paz. Até o maldito chegar.

Apareceu subitamente um belo dia aos pés do carrinho de supermercado, instalou-se e pronto. Deu-se o fato. Pensei que ele ia sumir logo, como tudo na minha vida até a ocasião, mas não. Ficou ali no pé, regando a insistência de existir na minha vida. Sacudiu o pelo fofo de tom acastanhado, daqueles que um dia quis ser branco, com as pontas amarelo-queimadas eriçadas para todas as direções possíveis e imagináveis, desafiando toda a lógica das leis da gravidade. Balançava aquele rabo peludo como uma naja pronta para dar o bote. Foi então que desferiu seu lance fatal: olhou-me com aquelas duas bolotas de amêndoas, focinho molhado em choro manso, e a cabeça levemente inclinada, emitindo seu grunhido único.

Golpe baixo do cão!

A vida não era perfeita, mas a de ninguém é. Eu tinha meu colchão, meu livro, meu carrinho. Tinha a minha vida. Até esse maldito chegar. Alojou-se aos meus pés como quem quer tudo e pôs-se sentado de guarda, a gárgula que não pedi do meu castelo de papelão. Sentado mormente como quem quer dar conta da vigília do mundo, apreciava observar os transeuntes, o sem vergonha. Analisava fria e calculadamente suas vítimas da cabeça ao cheiro dos pés, até que escolhesse alguma de alma mais fraca para o assédio. Assim que o escolhido se aproximava, partia para o ataque: o início com o latido alto, curto e forte. A vítima paralisada, algumas até assustadas, revolviam os olhos para o cão, que logo, da atenção alheia, instaurava seu cínico e frio golpe fatal: o olhar de amêndoas com a cabeça inclinada. Fincado o mastro naquele coração, esse era o seu fim.

Estava ali, aos meus pés, instaurada a Medusa dos cachorros.

Petrificada com o olhar do cão, seu corpo invadido por uma onda de comiseração pela fofura e compaixão repentinas, a vítima seguia a clássica

tentativa de contato corporal e os típicos sons guturais; eis o processo da babatização do ser humano completo.

Só depois é que eu era notado. As expressões variavam desde surpresa, pena, até admiração. "Ele é seu?". Sim, agora é. Meu cachorro. "Ah, que lindo!" "Ah que fofo!" "Ah que homem bom!" Sim, agora eu era um homem bom, para todos os efeitos. "Para ajudar você a cuidar do cãozinho..." um tintinar de moedas. O amor é assim, mexe e comove até os bolsos mais gélidos e sovinas.

Assumi rápido meu papel: cuidador do cão. Adorado e aclamado pela sociedade da Rua. Foi simples e prático, como havia de ser.

De repente, o calçadão comercial, acostumado com o vai e vem de pessoas apressadas a transitar compras e afazeres da vida, viu um motivo especial para parar e diminuir o ritmo: o Cão.

Eu não estava habituado a tanto assédio. Durante todos os dias, e até o mais tardar das noites, passei a recepcionar dezenas de pessoas que paravam para apreciá-lo. E eu, antes invisível, me tornei, então, o digno mendigo do cachorro.

Alguns meliantes ensandecidos queriam levá-lo. Não deixava. Reparava que quanto maior a recusa em entregá-lo, mais respeitado e admirado eu era. Um mendigo nobre. Um homem de decência.

O cotidiano caminhava doce e suave. Dona Lúcia, da padaria, agora trazia, de manhã, um pão doce para mim e uma tigela de leite para ele, a qual o maldito revolvia faceiro, mal ela virasse as costas. O Carlão da banca vinha às tardes para brincar com ele enquanto eu vendia latas. O Cão voltava da farra sujo de lama até as fuças, balançava-se sem a mínima dó ou respeito, espirrava barro para todos os lados e abancava-se no meu travesseiro. Até a dona Marta do *Pet Shop*, com fama de quem nunca se importou com gente humana, passou a mandar uma dose semanal de ração, o que aumentava de forma considerável o peso cavalari ao transportar o carrinho.

Ainda nos tempos altos, pus uma placa de "AJUDE O CÃO", com o patrocínio do Ferreirinha da banca de frutas, que arranjou um papelão de belíssima qualidade. A placa rendeu uma boa quantia, da qual paguei de volta parte ao próprio Ferreirinha. A vizinhança achou bonito da minha parte.

Comprei um colchão melhor. Troquei as mantas. Consegui um livro novo. Ainda não dormia bem como o Cão, mazelas do ofício, contudo, a vida andava nos eixos e, apesar do trabalho que me dava, eu conseguia alegria e boas recompensas.

Depois de um tempo, troquei a placa para: "SALVE O CÃO", essa bem mais rentável que a primeira. Pessoas gostam de gente doente. A possibilidade da morte comove e apetece a mais cálida bondade de corações mais sombrios. A vizinhança, entretanto, achou um absurdo da minha parte. Lembro-me bem de

dona Lúcia vir exasperada perguntando o que havia acontecido. Dona Marta ofereceu uma consulta veterinária de urgência. Expliquei a situação. Foi um Deus nos acuda! “Como pode nos dar um susto desses?”. Ferreirinha já não falava mais comigo. Dona Lúcia já não vinha todas as manhãs, só mandava entregar o leite. Carlão agora tinha medo de pegar alguma doença e, mesmo eu tendo explicado as circunstâncias e garantido a saúde do Cão, já não brincava mais com ele.

O Cão ficou raivoso com as mudanças e a falta de atenção. Meus dias, então, e posteriormente as madrugadas, viraram cenas de terror, regados por latidos imprudentes, coices e arranhões, sujeira e revolta. De uma vez, o Cão derrubou as caixas de vidro de uma semana inteira de trabalho. Cagou uma noite na minha manta novinha. Na manhã seguinte, rasgou o saco de ração e espalhou-a por toda a calçada. Já não era mais o mesmo. Ia dar voltas à toa e me abandonava, sem dar a mínima satisfação. Quando voltava, o caos estava sempre reinstalado, para depois já se encolher num canto da manta e esconder-se das pessoas da rua. A vizinhança me acompanhava com olhos de reprovação, desprezo e hostilidade. Ouvia, em alto e bom tom, os olhares de repúdio a me acompanhar dizendo: homem sem coração.

Aquela rua já não era mais minha.

Até que uma noite desfiz a tenda, dobrei o colchão, enfiei tudo no carrinho e parti.

Mudei a placa para: “ADOTE O CÃO” e deixei-a lá para ser bem vista. Desenvolto como o demônio é, deve ter arranjado alguém logo que saí de seu caminho, com certeza. Nunca mais voltei à rua de baixo. Não posso, nem quero. Seu nome não posso revelar, para minha própria segurança, pois corro o risco de ser reconhecido dentre as ruas como o “cachorro” que abandonou o Cão.

Carrego comigo, desde então, as dores de um coração partido, sem cão, sem dono. Sinto falta da atenção e dos amigos que o pestinha me levou. Sinto falta de acordar com o calor dele aos meus pés, aquecendo os dias frios sem meias. Demorei um bom tempo para reerguer e recuperar minha vida e minha paz; mas aprendi. Nunca mais cometo esse erro. O amor nos cega, o dinheiro também. E não há dinheiro no mundo que hoje pague o meu cálido e manso sossego.

Agora eu tenho paz.